MULHERES ARTISTAS DE MATO GROSSO DO SUL: INTERRELAÇÕES E PERTENCIMENTO1

ARTISTS WOMEN OF MATO GROSSO DO SUL: (INTER) RELATIONS AND BELONGINGNESS

Grazielli Alves de Lima[2]

RESUMO: O fio condutor de nossas reflexões, para o presente artigo, é a investigação crítico- –comparativa entre a obra da escritora sul-mato-grossense Raquel Naveira e as produções plástico/pictóricas que esta encaminha, visando uma representação da identidade cultural de Mato Grosso do Sul. Dando as mãos a artistas do Estado que comungam o mesmo referencial identitário, a escritora se posiciona como uma porta-voz contumaz dos discursos que reafirmam o valor das artes de sua cultura, divulgando as representações artísticas de seu *locus*. Imbuídos desta perspectiva, o foco deste trabalho é, primeiramente, apresentar e divulgar tais produções, para posteriormente refletir sobre a reconstrução das identidades de um chão cultural específico por meio de encontros interartísticos, firmados por mãos de autoria feminina.

PALAVRAS-CHAVE: Artistas sul-mato-grossenses; Identidade; Literatura

ABSTRACT: The guideline from our reflections, to this Article, is the critical comparative research between Raquel Naveira's work, writer from Mato Grosso do Sul, Brazil, and the plastic / pictorial productions that she conducts, aiming at a representation of the cultural identity of Mato Grosso do Sul. Allied to artists of that State who share the same identity referential, the writer positions herself like a spokesperson persistent of the speeches that reaffirm the value of the arts of her culture, by disseminating artistic representations of her place.

Imbued with this perspective, the focus of this work is, firstly, present and promote these productions, for subsequently reflect about the reconstruction of identities of a specific site cultural through (inter)artistic meetings, signed by the hands of female authorship.

KEYWORDS: Artists of Mato Grosso do Sul; Identity; Literature

[1] Para uma leitura mais ampliada desse texto, remetemos para nossa dissertação de mestrado, intitulada Chão cultural naveiriano: composições da paisagem pantaneira (2012).

[2] Mestre em Letras – Literatura e Prática Culturais pela Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD. E-mail: grazi_alveslima@hotmail.com

PALAVRAS INICIAIS

> *Como disse o filósofo americano Nelson Goodman, devemos substituir a pergunta "o que é arte?" por uma outra, distinta e mais aberta ao seu enraizamento histórico, a saber: "quando é arte?"*
>
> *Luiz Camillo Osório,*
> *Razões da crítica*. (p. 63. Grifos nossos)

A epígrafe que emoldura a abertura de nossas considerações é parte de uma reflexão dos críticos que, ao vislumbrar que o conceito de arte passou por mudanças e rupturas, os fizeram não só questionar quando é arte, como também especular o lugar da mesma. Essas indagações se fazem importantes visto que partimos de um *locus* específico, Mato Grosso do Sul e suas produções culturais e artísticas, que referenciam o seu lugar de pertencimento. Assim, nosso objetivo principal é focalizar as paisagens culturais do entorno pantaneiro, representadas na literatura naveiriana e na pintura que esta encaminha.

Propomos tal questionamento com vistas a salientar o lugar de referencialidade das produções artísticas/culturais sul-mato-grossenses, com foco para as suas peculiaridades regionais. Desta forma, ao abordarmos um conjunto poético/literário com a finalidade de promover uma tessitura plástico-pictórica e que, juntas, compõem um espaço de pertencimento, levantamos a hipótese de legitimar esses lugares como produtores de arte e de cultura.

Diante disso, selecionamos para a presente reflexão um *corpus* delimitado a partir da obra da escritora Raquel Naveira, que se caracteriza, dentre outras temáticas, por sua profícua relação com as artes, inclusive as manifestações culturais locais, permeando seus versos de fotografias de nosso estado. Ainda, nesta perspectiva, a escritora une sua proposta cultural de poética a outras artistas que se destacam como ícones da cultura regional. Desse modo, para o presente artigo, selecionamos leituras comparativas de obras produzidas por mulheres dentro do cenário artístico sul-mato-grossense.

COMPOSIÇÕES NAVEIRIANAS: IDENTIDADE, REPRESENTAÇÃO E PERTENCIMENTO

O lugar que referenciamos situa-se na região de Mato Grosso do Sul e seus espaços fronteiriços. As produções artísticas desse *locus* buscam fomentar identidades que o referenciam, situando suas perspectivas culturais, históricas. Falar de identidade cultural, conforme salienta Stuart Hall (2011), implica pensar na questão de como esse sujeito é representado, formando um todo. Assim:

> [...] as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. (...) Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos – *um sistema de representação cultural*. (HALL, 2011, p. 49. Grifos do autor)

Esse sistema de representação cultural, conforme Hall (2011), corresponde a como o sujeito é identificado segundo o lugar que ocupa no território. No caso brasileiro, podemos considerar que essa nacionalidade divide-se em sub-regiões, uma vez que cada região tem suas peculiaridades, diferindo de outras. Ao voltarmos para nosso chão cultural ainda há mais implicações ao que concerne a definição de uma identidade cultural do Estado, visto que esta ainda está em formação, na busca de diferenciar essas particularidades do estado de Mato Grosso. Nesse sentido, estamos de acordo com as reflexões da professora Rita Limberti, ao afirmar:

> Interessante, no entanto, é notar que a construção de identidade (enquanto conjunto de caracteres próprios e exclusivos) se dá através da identificação (...) grupal que, intensificada, assume proporções tais que identidade passa a ser um traço comum. (LIMBERTI, 2009, p. 41)

Com a divisão do Estado, vários artistas do lado Sul desse grande Mato Grosso passam a privilegiar em suas composições aspectos históricos-culturais-regionais, com o objetivo de promover, assim, a fomentação de uma nova identidade cultural. Dentre os vários escritores que se propõem a configurar em suas entrelinhas a composição da paisagem de seu *locus*, elegemos a poética da escritora Raquel Naveira, por vislumbrar em sua produção poemática uma significativa relação com outros artistas, com o propósito de referenciar o lugar ao qual pertencem. Dona de uma assídua produção, a escritora publicou até o momento 24 livros[3], obras que se caracterizam por uma variegada temática intertextual.

Dentre o universo literário da escritora, poderíamos destacar a imigração de povos, sinalizada na obra *Sob os cedros do senhor: poemas inspirados na imigração árabe e armênia em Mato Grosso do Sul* (1994), como fator de representação da cultura híbrida da capital, Campo Grande; as fronteiras simbólicas de seu estado, privilegiadas na obra memorialística *Pele de jambo*[4] (1996), e as representações épicas, das quais podemos citar a obra *Guerra entre irmãos – Poemas inspirados na Guerra do Paraguai* (1993), por

[3] Raquel Naveira publicou Sonho a quatro remos (1981) Via Sacra (1989); Fonte Luminosa (1990); Nunca te vi (1991); Fiandeira (1992); Guerra entre irmãos - poemas inspirados na Guerra do Paraguai (1993); Sob os cedros do senhor (1994); Canção dos mistérios e Abadia (1995); Mulher samaritana, Caraguatá – poemas inspirados na Guerra do Contestado e Pele de jambo (1996); O arado e a estrela e Intimidades transvitas (1997); Casa de tecla (1998); Senhora (1999); Stella Maia e outros poemas e Xilogravuras (2001); Maria Egpcíaca e Casa e Castelo: poemas dos livros Casa de tecla e Senhora (2002); Tecelã de tramas: ensaios sobre interdisciplinaridade (2004); Portão de Ferro (2006) e Literatura e Drogas – e outros ensaios (2007) e Caminhos de bicicleta (2011). Além desse vasto número de obras publicadas, Raquel possui vários textos em periódicos e revistas, incluindo a publicação do poema Lavoura, do livro Nunca te vi na revista Taíra, da Universidade Stendhal, em Grenoble, França. Além disso, sua obra está presente no cinema, com o documentário The World Social Forum, (canção Fiandeira, de Raquel Naveira e Tetê Espíndola) e o curta-metragem inspirado na obra Caraguatá; em peças teatrais, como Você conhece Raquel Naveira?, encenada pelo GETEC, no Centro Universitário de Aquidauana/MS, em 1986 , Hoje tem espetáculo Conceição Ferreira, monólogo de Haroldo Garay baseado em poema de Raquel Naveira, encenado em 1996, no SEBRAE e o espetáculo Rosa de Portugal, inspirado no poema sobre Conceição Ferreira, de Raquel Naveira.

[4] Este livro concedeu a escritora o 2° lugar no 8° concurso de Obras Publicadas (Academia de Letras e Ciências de São Lourenço – MG/1997); o Prêmio Alejandro J. Cabassa (UBE – RJ/1998), dentre outros.

reproduzir, cronologicamente, o percurso e os fatos da Guerra do Paraguai, considerado um dos maiores eventos históricos dessa região; e entre outros.

Também, desta perspectiva é relevante observar que a professora Christina Ramalho, em livro dedicado à escrita do épico, dedicou a nossa escritora importante capítulo intitulado "A reintegração histórica através do lirismo sintético", representativo tanto para a compreensão mais global do épico como grande poder de representação histórico-cultural, quanto para a análise da perspectiva da escrita feminina, que é a proposta do livro como um todo[5].

Raquel Naveira destaca-se na literatura sul-mato-grossense, dentre tantas razões, por sua preocupação contumaz com os aspectos históricos-culturais dessa região, unindo-se, por esses motivos, a outros artistas, que, principalmente, após a divisão do Estado, envolvem esses aspectos em suas composições a fim de construir uma arte representativa de seu *locus*. Dessa forma:

> [...] Dotada de uma experiência cultural, Raquel Naveira busca em suas obras resgatar tudo que teve e ainda tem de importância na história e na cultura da região de seu estado, estabelecendo, assim, seu universo poético. Por outro lado Raquel contribui expressivamente para a construção e restauração da identidade sul-mato-grossense. (BUSCIOLI; SANTOS, 2006, p. 109)

Estudioso da obra de Raquel Naveira, Lemuel de Farias Diniz (2006) destaca a importância de publicações poemáticas da escritora que visavam certa militância cultural, visto que vários de seus poemas retratam monumentos históricos campo-grandenses, alguns em declínio, mobilizando a sociedade a repensar a sua própria história. Diniz (2006) destaca ainda o engajamento de Naveira, ao unir-se a outros artistas, em prol de uma revalorização da identidade sul-mato-grossense. Desta forma:

> Essas duas classes a que a escritora se refere são os seus companheiros de "militância cultural" – usando a expressão cunhada pela poetisa numa de suas entrevistas – e está vinculada ao fato de que, logo após a fundação do estado de Mato Grosso do Sul, em 1977, o primeiro governador, Harry Amorim Costa, criou a Secretaria de Desenvolvimento Social, incumbida, dentre outras atribuições, de *incentivar as discussões sobre a identidade do novo estado* da federação. Nessa secretaria, inicia-se a participação de Naveira na militância cultural. Reunindo-se com Maria da Glória Sá Rosa e Idara Negreiros Duncan Rodrigues, Raquel Naveira passa a enfocar, artisticamente, a preservação do patrimônio histórico-cultural campo-grandense. Na época, seus amigos de militância cultural também foram os professores Américo Calheiros, Hildebrando Campestrini, Hélio de Lima (também ator), Neusa Narico Arashiro, Necy Yonamine. Nas artes cênicas e cinematográficas destacam-se Cristina Matogrosso e Cândido Fonseca, atualmente, professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Na música, seus amigos de vida intelectual foram Almir Sater, os integrantes do grupo "Acaba", as irmãs Lenilde e Lenilce Ramos, além de Tetê Espíndola. (DINIZ, 2006, p. 21. Grifos nossos)

[5] Cf. RAMALHO, C. Elas escrevem o épico. 2005. Ver também SANTOS, P. Raquel Naveira: a fiandeira da fronteira, 2008.

Segundo enfatiza a própria escritora: "[...] Gosto da militância cultural e de viver entre meus pares. Coloco-me no rol de todos os que estão produzindo, com coragem, sua obra. Que estão fazendo da Literatura um ofício, uma comunicação, meio e fim" (NAVEIRA *apud* ROSA, 2011, p. 213). Essas parcerias de "militância cultural" com artistas de vários setores culturais resultaram em uma obra intermidiática, que partilha com a música, com o cinema, com o teatro e com a pintura, textos que extrapolam fronteiras e retratam as cores da imensa paisagem híbrida cultural de nosso Estado. Partilhando dessa obra que caminha por várias artes e mídias, elegemos, por conseguinte, como farol sinalizador o significativo entrelaçar de versos a outras artes, que vislumbram a composição da paisagem dessa região fronteiriça. Segundo a crítica especializada:

> Naveira tem estabelecido outras formas de parcerias em companhia de poetas que se integraram às linguagens plásticas. Um exemplo foram as inserções feitas á exposição do Álbum de xilogravuras, elaborado em 2001 pelo artista plástico Valdir Rocha. As legendas literárias emolduraram as amostras de estilo expressionista, que foram delineadas com traçados sugestivos, denominados "Nus Frontais". Os poetas Álvaro Alves de Faria, Celso Alencar, Eunice Arruda e Raquel Naveira ajudaram a produzir o encontro entre as artes literárias e a arte da xilogravura, cujo trabalho foi publicado em 2001 pela editora Escrituras. (CHISINI, 2004, p. 226)

Essas parcerias intermidiáticas ganham significativa relevância quando o propósito maior é difundir não só as artes, que caminham então de mãos dadas, mas também, e, sobretudo, quando essa união delineia aspectos da cultura sul-mato-grossense, difundindo suas belezas através das artes. Poemas como "Cupim de boi", de *Portão de ferro* (2006); "Piraputanga", de *Casa de tecla* (1998) e "Casarão dos Baís", de *Stella Maia e outros poemas*, descrevem, respectivamente, quadros de artistas como Humberto Espíndola, Ilton Silva e Lídia Baís, entre outros. Há ainda aqueles poemas que partilham da mesma atmosfera sígnica de obras pictóricas, tal como "Camalotes", de *Via sacra* (1989) que se aproxima, numa leitura comparativa, do conjunto de telas do artista plástico Jorapimo. Desse modo, a literatura naveiriana transporta para seus versos ideias encontrados em outras literaturas, em outras telas ou em outras melodias. Sobre esse aspecto da poesia naveiriana, a estudiosa Edna Menezes observa:

> Outra vertente importante a respeito dos trabalhos literários de Naveira são os diálogos com outras manifestações de arte. Constantemente suas palavras poéticas são utilizadas como imagens que dão vida a encenações, performances e representações teatrais e cinematográficas. No cinema, o livro *Caraguatá* foi transformado em curta-metragem, sob direção de Célio Grandes e estrelado pela atriz Christiani Tricerri, que é a "eterna musa de Cacá Rosseti". Esse filme estreou no cinema no dia 22 de agosto de 1997, no "8° Festival Internacional de Curtas", de São Paulo. (MENEZES, s/d, p. 22)

São vários os textos naveirianos que percorrem os limiares de outras artes, transpõem mídias e se interpenetram mutuamente com várias esferas da produção cultural. Em texto revelador, "Intercâmbios e multimídia nas comunicações de Raquel Naveira"

(2001), a professora Josênia Chisini já apontava os intercâmbios midiáticos e interartísticos recorrentes na obra de Raquel Naveira. A estudiosa elege vários momentos no decorrer das publicações da escritora, dentre os quais destacamos a sua intensa inserção no ambiente plástico, que se verifica em diversas parcerias:

> A reciprocidade entre as artes plásticas e a arte literária viceja nos textos de *Intimidades Transvistas*, de 1997. Trata-se de um trabalho apresentado na ática Shopping Cultural, que serviu de narrativa literária às telas de 20 pintores, dentre os quais estavam escritores e intelectuais como Renata Pallotini, Jorge Mautner e Ives Gandra Martins. (CHISINI, 2001, p. 20)

Há que se destacar ainda que um número significativo de mulheres artistas sul-mato-grossenses e, consequentemente, suas obras, são transpostas para os versos naveirianos, destacando a importância das mesmas no cenário cultural e artístico. Neste horizonte, questionamo-nos como essa união interartística, composta por mulheres, pode reconfigurar a identidade sul-mato-grossense, validando, assim, as peculiaridades de nosso estado. Partindo desse pressuposto, convidamos, então, com base na literatura naveiriana, essas artistas, com suas obras, para emoldurarem a fotografia desse *locus*, repleto de paisagens culturais locais que são pertinentes à realidade que os originaram. Diante disso, retomamos a fala da escritora Raquel Naveira, que tematiza nossos limiares e por ser, também, o cerne do presente estudo:

> Voltei-me para as artes plásticas sul-mato-grossenses, pois os artistas da terra, vivendo na mesma região social, cultural, geográfica que a minha, poderiam me oferecer dados sensíveis de nosso universo comum. Passei então a conviver com estes artistas e a adquirir, aos poucos, meu próprio acervo, fonte de tantos poemas e histórias fantásticas. (NAVEIRA, 1992, p. 55)

SOB O MOVIMENTO DA MÃO: AS ARTISTAS SUL-MATO-GROSSENSES

Elas também cantam as belezas do Pantanal: na música, na pintura, na escultura e na literatura, as mulheres artistas sul-mato-grossenses ganham espaço no cenário artístico para expressarem sua voz diante da propagação de sua cultura. Com voz validada, as mulheres produtoras de arte do Estado disseminam significativas mudanças, principalmente no que se refere ao modo de contar as particularidades de seu chão cultural.

Quando elegemos a literatura naveiriana como farol sinalizador de nossas considerações, vislumbramos em seus escritos a representação de sua cultura que, entrelaçada à outras artes, fotografa as belezas de suas raízes. Por entre seus escritos, sejam em verso, sejam em prosa, deparamos com personagens que partilham do ideal de cultura e arte sul-mato-grossense. Observamos, também, que esses personagens, por vezes femininos, davam voz à artistas de sua região cultural, reiterando a importância dessas mulheres no cenário artístico/cultural sul-mato-grossense. Sendo assim, poderíamos

questionar: como as mulheres artistas sul-mato-grossenses reproduzem em suas obras as peculiaridades do nosso chão cultural, Mato Grosso do Sul?

Através da escrita, Raquel Naveira tem sido porta-voz de seu estado, clamando poeticamente por sua história, por seus monumentos e patrimônios históricos, reiterando a importância da memória de um povo, circunscrita em suas construções, que, permeadas de histórias, emanam a cultura desse chão. Em vasta produção literária viajamos por vários lugares onde a linha memorialística naveiriana encaminha para a configuração de uma representatividade de seu lugar de enunciação. Sob este prisma, Naveira tem dado as mãos a outros artistas, partilhando artes e divulgando-as.

É relevante sublinhar que a mulher como produtora de arte tem um lugar relevante nas representações artísticas, culturais e identitárias do Estado. São elas que despontam como nomes significativos da cultura sul-mato-grossense, algumas, inclusive, como símbolos culturais desse *locus*. E esses nomes caminham por diversos setores artísticos, que vão desde a literatura até a música, entre outros. Nesse horizonte, uma representante contumaz das artes sul-mato-grossenses, que ao mesmo tempo entretece sua imagem como um dos ícones da cultura de nosso estado, é a escultora Conceição de Freitas, mais conhecida como Conceição dos Bugres, que, em sua simplicidade e singularidade, elevou para além-fronteiras, a identidade cultural de nosso lugar de enunciação:

> [...] O imaginário popular consagrou os bugrinhos de Conceição como os ícones que melhor traduzem a cultura do Estado, porque simbolizam a história sofrida dos índios cadiues, caiuás, terenas e de outras nações na luta pela sobrevivência. São também o signo emblemático dos seres marginalizados, que perambulam em série por ruas e estradas, sem se deixar esmorecer pelo sofrimento. (ROSA, 2005 p. 38)

A escultura de Conceição dos Bugres se torna ápice da cultura de seu Estado por se configurar como uma obra peculiar que sintetiza em figuras semelhantes a riqueza e a diversidade de um povo. A artista, que nunca partilhou de estudos acadêmicos, imprime em suas obras um caráter cosmopolita. Conceição dos Bugres, que jamais havia saído dos limiares de seu quintal, elabora um contínuo de miniaturas que alcançam além-fronteiras, espalhando sua arte pelo mundo:



FIGURA 1 - Conceição dos Bugres, *Bugre*, 1983.
FONTE: http://www.campogrande.ms.gov.br/sedesc/canaisTexto?id_can=4237

Os pequenos bugres de Conceição são disputados por turistas do mundo inteiro, simbolizando as raízes culturais de nosso Estado. Como uma leitora assídua das representações da cultura, Raquel Naveira transforma a artista em personagem mítico, que, simbolizado por suas criações, ganha atmosfera poética, entrando no rol das parcerias interartísticas da escritora. Os bugres de Conceição foram contemplados por Raquel Naveira no poema "Conceição dos bugres", que se encontra em prolongamento de citação:

Conceição transformava madeira em bugres
Numa festa de suor, serragem,
Cera de abelha.

Conceição,
Afilhada de Nossa Senhora,
Benta com o estigma de mulher pobre.

Conceição via o sol cair no lago do Amor
Enquanto tomave mate
Na cuia da morte.

Conceição,
Vela consumida até o fim,
Recendendo guavira.

Conceição
Foi esculpir bugres na noite índia,
Nos riachos onde fremem sapos.
(NAVEIRA, 1991, p. 73)

A atmosfera poética naveiriana rende-se como uma verdadeira homenagem à mulher pobre, carregadas de estigmas como todas as outras mulheres, que transportava para a madeira o seu fazer artístico. Descrevendo inicialmente o processo de criação da escultora, Raquel Naveira vai mesclando em seus versos a vida, envolta por singularidades regionais (como o mate e as guaviras) e a obra de Conceição dos Bugres. Ao reportarmos para o ato criativo de Conceição, compreendemos a singularidade de suas composições:

> [...] De uma raiz de mandioca fez um boneco, que viria a ser o ancestral de tantos outros, aparentemente iguais, mas profundamente diversos, de mil fisionomias estáticas, cabelos escorridos, olhos, sobrancelhas e nariz pintados de piche, braços em posição de sentido. Uma obra recomeçando a outra, como a vida recomeça a cada instante e, no entanto, cada minuto é diferente do anterior. Depois de modelados, cobertos da cera de abelha, os totens vida própria, revelando, na mais sensível das linguagens, o talento da artista Conceição, que, sem frequentar escolas, sentem ter transposto outras fronteiras, além das de seu quintal, *tornou-se símbolo da cultura sul-mato-grossense, pelo gênio criador, que humildemente desenvolveu*. (ROSA, 2010, p. 79. Grifos nossos)

Nesse horizonte, destacamos outra mulher, não menos importante, que também tem sido aclamada como símbolo da cultura sul-mato-grossense, por seu incomparável gênio criador. Mais um ícone que se torna personagem nas homenagens significativas de Raquel Naveira, Helena Meireles, representante contumaz da música dessas fronteiras, ganha aos olhos da leitora Raquel Naveira uma composição poética que bem sublinha seu caráter festivo. Em "Helena, a violeira", de *Portão de ferro* (2006), a escritora não só faz uma homenagem a uma das mais relevantes expressões artísticas de nosso estado, como também configura elementos tipicamente pertencentes às comemorações festivas de Mato Grosso do Sul. Leiamos os versos do poema:

Foguetes anunciam a festa,
Festança grande,
Pra ser guardada na lembrança,
Os músicos se preparam:
(...)
E na viola, Helena,
De blusa vermelha,
Colete apertadinho,
Calça com barra
De renda branca

A figura de Helena Meireles adentra ao universo de artistas que sob os movimentos das mãos reconfiguram as artes sul-mato-grossenses em prolongamentos nacionais e até internacionais. Artista que só conheceu o sabor da fama na velhice, Helena foi autodidata, atribuindo seu conhecimento como dom divino. Assim, como bem enfati-

za Idara Duncan em obra relevante, *A música de Mato Grosso do Sul* (2009), Helena era também: "Compositora, cantora e instrumentista – tocava violão, rebeca e bandolim – Helena era também contadora de causos, dotados de peculiar senso de bom humor, apesar de raramente sorrir" (DUNCAN, 2009, p. 335).

A dama da viola encantou o mundo com seus acordes, sem nunca esquecer o seu chão cultural. As influências que formarão seu gosto pela música despontam pelas canções populares paraguaias e brasileiras, das quais ela ouvia músicos que transitavam pela fazenda de seu avô, artistas que "cantavam e tocavam seus instrumentos, o que a encantava" (DUNCAN, 2009, p. 336). Raquel Naveira, ao transpor esse gosto musical que permeia as fronteiras sul-mato-grossenses, assim se expressa em versos:

Começa a dança,
Dança de par solto,
Chamamé,
Polca,
Guarânia
E muita cachaça,
Leilão de leitoa
Pra encher a pança.

A viola vai riscar a noite toda,
Helena dedilha as cordas,
Bate no tampo,
Acaricia o pinho
Em forma de oito,
Corpo afoito
Que geme em suas mãos.
(...)
(NAVEIRA, 2006, p. 14)

Como podemos observar, esses versos traduzem um ar festivo, ao som de melodias fronteiriças, expressões legítimas da cultura regional sul-mato-grossense. Os versos descrevem todo o ritual que acompanha Helena Meireles na execução frenética de suas composições. Na segunda estrofe dos versos destacados acima, observamos uma fotografia fiel da forma como Helena e a viola se entrosavam, misturando-se a um só som. Traduzindo a alegria daqueles que são agraciados com o som das violas, os acordes de Helena encantaram o mundo, uma vez que sua obra:

> Recebeu o prêmio Spot Light como Revelação do Ano e teve seu nome incluído num pôster, sendo a única mulher entres cem melhores violeiros do mundo, nas violas de 6, 8, 10 e 12 cordas ao lado de grandes nomes como Jimi Hendrix, Eric Clapton e Keith Richard (DUNCAN, 2009, p. 336).

Consagrada como uma grande artista, de renome internacional, Helena Meireles jamais se esqueceu de suas raízes. Como uma legítima sul-mato-grossense, espalhou

pelo mundo a música que embala os matizes da cultura pantaneira, reproduzindo, de forma contínua, as particularidades desse povo, expressas através da música. Em depoimento à professora Idara Duncan, assim se expressara a artista:

> *Nasci e me criei aqui em Mato Grosso do Sul, que nem um bicho selvagem*. Minha arte vem de Deus. Nunca tive estudo, *eu só conheço é onça*, dos tempos do Pantanal. Minha escola foi o sertão de Mato Grosso do Sul afora. Eu tocava com um violão velho na mão, às vezes, depois da janta, quando a gente chegava da roça. (...) Depois fui uns tempos para São Paulo, larguei do marido, casei de novo, duas vezes e sumimos para o Pantanal por 32 anos. Voltei a São Paulo em 1998 e fiquei uns anos na casa da minha irmã, em Santo André. Comecei a tocar e meu sobrinho Mário Araújo, que é jornalista em Santos, resolveu investir em mim. Enviou umas fitas com músicas minhas para Miami, nos Estados Unidos, em 1993, e de lá é que veio minha fama. Entrei na mídia graças à revista Guitar Player, que me premiou como a revelação do ano – *a muié mais tocadeira do mundo* (DUNCAN, 2009, p. 341. Grifos nossos).

A obra de Raquel Naveira abre-se para um amplo leque que contempla com expressividade as mulheres artistas sul-mato-grossenses. Com vistas a outros horizontes, essas mulheres tornam-se personagens centrais na representatividade de uma cultura, transpondo para a sua arte, de forma simples e despretensiosa, as grandes particularidades de sua região. É válido ressaltar que além de Conceição dos Bugres e Helena Meireles, relevantes nomes das nossas artes, outras grandes mulheres são contempladas na atmosfera poética naveiriana.

Entretanto, é na pintura que vislumbramos as parcerias mais recorrentes. São várias as composições poéticas que, inspiradas em obras de outras mulheres, refletem as mesmas indagações, principalmente as que se referem à identidade sul-mato-grossense e aos ícones culturais desse Estado. Nesse sentido, é a própria escritora que elucida as grandes artistas plásticas da região, que ora inspiram o seu trabalho, ora transformam-se em grandes parceiras da co-irmandade artística:

> A pintora com quem mais tenho feito "parceria" é sem dúvida, Terezinha Neder. Duas de suas temáticas me fascinam e constituem núcleos de minha obra poética: a primeira é a observação da vida simples, rural, os interiores das casas de fazenda, os costumes do sertanejo sul-mato-grossense. (...) Outro tema meu e de Terezinha é a retratação da mulher humilde, da mulher afogada pelo peso do trabalho doméstico, pelo difícil sonho de amar e ser amada. (...) Leonor Lage utilizou poema "FORMAS DE NU" (...) para abrir sua exposição de flores e mulheres nuas saindo de lírios e copos-de-leite (NAVEIRA, 1992, p. 55-59 *passim*).

Sob esse prisma, várias outras artistas vão inspirando o trabalho poético de Raquel Naveira ao longo de seu percurso literário. Dentre elas, evocamos a presença da artista precursora das artes plásticas em Mato Grosso do Sul, Lídia Baís, por sua notabilidade nas artes plásticas do Estado. Para Naveira, Lídia será lembrada sempre como uma personagem enigmática, mulher frente ao seu tempo, hoje símbolo maior das artes plásticas sul-mato-grossenses. Em ensaio, na obra *Fiandeira* (1992), a escritora assim se expressa quanto à admiração que sentia pela artista:

> Lydia foi uma personagem intrigante: uma artista de alma amarrada e flagelada, talento que desabrochou e foi abafado na marginalidade.
>
> Lembro-me bem dela. Fui sua vizinha durante muitos anos. Eu a via, às vezes, atravessando a rua, em direção à casa de seu irmão Bernardo: saia plissada, meia soquete, cabelos em cachos sob a boina, lenço terminado em laço no pescoço. Ela despertava em mim o fascínio e o horror que as crianças têm por seres fantásticos (NAVEIRA, 1992, p. 47).

A pintura de Lidia Baís a transportou para vários universos distintos, vislumbrados em seus estudos de reprodução, que não se limitavam em meras cópias, imprimindo as marcas características de uma mulher que estava à frente de seu tempo. Segundo Rigotti, em *Imaginário e representação na pintura de Lídia Baís* (2009), o acervo cultural da artista é composto por:

> [...] uma centena de obras de arte (pinturas e desenhos), três álbuns, contendo 21 discos gravados com composições da artista, móveis e objetos pessoais (cama, cadeira de balanço, cavaletes e palheta de pintura, pincéis, entre outros), fotografias, recortes de jornais, cartas, manuscritos, horóscopos, dezenas de exemplares originais do livro História de T. Lídia Baís, da oração Ofício Da Imaculada Conceição e dos três catálogos Lembranças do Museu de Baís publicados pela artista. (RIGOTTI, 2009, p. 55)

Assim, sublinhamos que a admiração de Raquel por Lídia rendeu várias composições poéticas, inspiradas no conjunto de obras da artista e na própria história da *persona* Lidia Baís. Além do ensaio, "Lídia Baís", o leitor encontrará em toda a obra naveiriana outros poemas significativos que rememoram vida e obra da artista plástica. Dentre eles podemos citar: "Pensão Pimentel", de *Via Sacra* (1989); "Confissão de uma monja", de *Fonte luminosa* (1990) e "Sacristia", de *Fiandeira* (1992). Entretanto, o poema que mais ilumina a imagem de Lídia no ato de sua pintura é "Casarão dos Baís", de *Stella Maia e outros poemas* (2001):

[...]
Antes de ser abatido pelo trem,
Corro em direção ao casarão,
Abro a porta,
Um raio de sol entra pelo vão,
Vejo Lydia no centro da sala,
Lydia moça,
De cabelos cacheados,
Sob a boina,
Saia plissada,
Pele rosada,
Indiferente,
(Sou eu o fantasma)
Continua pintando
A imagem de uma mulher guerreira,

Joana D'Arc em seu cavalo;
(...)
(NAVEIRA, 2001, p. 99-100)

Raquel Naveira descreve o ambiente familiar de Lídia, bem como o seu ato composicional. Como um espectador que contempla um filme, o eu lírico naveiriano vai percorrendo os ambientes, fascinado por aquela personagem intrigante. O quadro que vai sendo pincelado por Lidia Baís e que o eu lírico descreve é a obra pictórica *Joana D'arc* (s/d), mulher guerreira, que tão bem simboliza a pintora:

FIGURA 2 - BAÍS, Lidia. *Joana D'arc*, s/d.



FONTE: RIGOTTI, 2009, Anexo 3.4.

Lídia Baís é uma das artistas sul-mato-grossenses que mais enfocam o lugar da mulher em suas representações. Partilhando dessa mesma indagação, Raquel Naveira elege artistas como a pintora re-estabelecendo o lugar dessas mulheres na história da arte a na história cultural dos lugares de onde (e para onde) falam. Desse modo, a mulher vira agente de suas ideias, o que permite um redirecionamento da crítica, que passa a refletir sobre a perspectiva de gênero, de modo que: "[...] pensar as mulheres não como um objeto imanente aberto ao olhar do pesquisador, mas como participante de um processo no qual intervém uma imensa quantidade de variáveis" (SCHWANTES, 2010, p. 116).

Assim, as mulheres artistas sul-mato-grossenses vão despontando para o mundo, levando impregnado em sua arte o seu lugar de enunciação. A descrição das paisagens do

estado ora ocorre por meio da pintura, ora por meio das citações poéticas, e uma configuração plástico-literária se encarrega de representar o *locus* das artistas que a descrevem.

Contando uma história, essas produções artísticas sul-mato-grossenses vão reformulando a identidade da região, relatando causos, mitos, colorindo as paisagens, todas elas com os olhos voltados para o seu quintal, tal como sublinha Raquel Naveira: "[...] o meu desejo é ser uma pensadora livre, criar uma poesia universal, mas tenho consciência de que essa universalidade começa aqui, no meu quintal, onde tenho enterrados o meu coração e as minhas raízes" (NAVEIRA, 1992, p. 41). Dando as mãos aos artistas do Estado, em especial às mulheres que comungam o mesmo referencial identitário, a escritora se posiciona como uma porta-voz contumaz dos discursos que reafirmam o valor das artes de sua cultura, divulgando as representações artísticas de seu *locus* e afirmando que as representações de um povo também se formam através das mãos de uma mulher, seja por meio da escultura, da música, da pintura ou, em todas elas mescladas, entretecidas na literatura.

REFERÊNCIAS

BUSCIOLI, Gleiciane; SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. Literatura e cultura: inter-relações identitárias na região sul-mato-grossense. In: SANTOS, P.S.N. dos. (org.) *O outdoor invisível*: crítica reunida. Campo Grande: Ed. UFMS, 2006. p. 107-120.

CHISINI, J. Raquel Naveira: a fiandeira de textos poéticos. In: SANTOS, P.S.N. dos; RUSSEF, I.; MARINHO, M. (org.). *Ensaios farpados*: Arte e cultura no pantanal e no cerrado. 2ª ed. rev. e ampl. Campo Grande: Editora UCDB / Editora UFMS, 2004, p. 173-187.

___. Raquel Naveira: a fiandeira de textos. In: NAVEIRA, Raquel. *Stella Maia e outros poemas*. Campo Grande: Editora UCDB, 2001. p. 13-40.

DINIZ, Lemuel de Faria. *Vertentes histórico-regionais-culturais na poética de Raquel Naveira*. 2006. 165 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul / *Campus* de Três Lagoas, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

LIMA, Grazielli Alves de. Chão cultural naveiriano: composições da paisagem pantaneira. 2012. 139 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Literatura e Práticas Culturais) – Programa de Pós-Graduação em Letras, UFGD, Dourados, 2012.

LIMBERTI, Rita de Cássia Pacheco. *Discurso indígena*: aculturação e polifonia. Dourados: UFGD, 2009.

MENEZES, Edna. "Raquel Naveira: emblema sagrado da poesia sul-mato-grossense". *Jornal de poesia*. p. 1-25. Disponível em: http://www.jornaldepoesia.jor.br/raquelnaveira.pdf. Acesso em: 20 jun. 2011.

NAVEIRA, Raquel. "Artes plásticas e poesia". In:___. *Fiandeira*. São Paulo: Estação Liberdade, 1992.

___. *Nunca te vi*. São Paulo: Estação Liberdade, 1991.

___. *Portão de ferro*. São Paulo: Escrituras, 2006.

___. *Stella Maia e outros poemas*. Campo Grande: Editora UCDB, 2001.

OSORIO, Luiz Camillo. *Razões da crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

RAMALHO, Christina. A reintegração histórica através do lirismo sintético – Raquel Naveira. In: ___. *Elas escrevem o épico*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2005, p. 141-150.

RIGOTTI, Paulo Roberto. *Imaginário e representação na pintura de Lídia Baís*. Dourados: Editora UEMS / Editora UFGD, 2009.

ROSA, Maria da Glória Sá. Raquel Naveira: o intermitente apelo ao coração da poesia. In: ___;

NOGUEIRA, Albana Xavier. *A literatura sul-mato-grossense na ótica de seus construtores*. Campo Grande: Life, 2011. p. 208-219.

ROSA, M. G. S. Lembranças de Conceição dos Bugres. *Revista da Academia Sul--Mato-Grossense de Letras*. Campo Grande, n.18, dez. 2010.

ROSA, M.G.S; DUNCAN, I. *A música de Mato Grosso do Sul*: histórias de vida. Campo Grande: FIC/ MS – Fundo de Investimentos Culturais, 2009.

ROSA, M. G. S., DUNCAN, I., PENTEADO, Y. (org.) *Artes plásticas em Mato Grosso do Sul*. Campo Grande, 2005.

SCHWANTES, Cíntia. Genealogias de gênero: orientações de dissertações e teses no GT A Mulher na Literatura. In: STEVENS, Cristina. (org.). *Mulher e Literatura* – 25 anos: Raízes e Rumos. Florianópolis: Editora Mulheres, 2010.